

# Horizontes de uma ciência poética: o cinismo e a dor do mundo em Fernando Pessoa e Peter Sloterdijk\*

## *Horizons of a poetic science: cynicism and pain in the world in Fernando Pessoa and Peter Sloterdijk*

Guilherme Di Angellis<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo discute as ideias de cinismo e dor do mundo na obra de Fernando Pessoa e Peter Sloterdijk. Com base em uma visão psicanalítica do artista como mediador e como profeta, aproxima filosofia e comunicação poética, adotando os conceitos abertura, aberto e ser-com, de Heidegger. Sendo a poesia capaz de efetuar a abertura necessária à inovação no pensamento, ela permitiria mostrar aos homens uma verdade contida e revelada na palavra, pelo exercício do pensamento. Discute, com isso, o papel dessa forma de comunicação como produtora de verdade e ampliadora do real e os horizontes de uma ciência poética.

**Palavras-chave:** Sloterdijk. Bernardo Soares. Álvaro de Campos. Crítica da Razão Cínica. filosofia e poesia.

### Abstract

This article discusses the ideas of cynicism and pain in the world in the work of Fernando Pessoa and Peter Sloterdijk. Starting from a psychoanalytical vision of the artist as a mediator and as a prophet, approaches philosophy and poetry. Being the poetry able to make the necessary openness to innovation in thought, it allows to show to men a truth held and reveal in the word, through the exercise of thought. Discusses the role of poetry as a producers of truth and a amplifier of the real and the horizons of a poetic science.

**Keywords:** Sloterdijk. Bernardo Soares. Álvaro de Campos. Crítica da Razão Cínica. Philosophy and poetry.

\* Recebido em: 25/04/2015.

Aprovado em: 12/05/2015.

<sup>1</sup> Professor de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Comunicação pela UnB. Atua nas linhas de pesquisa Jornalismo e Sociedade e Imagem, Som e Escrita. Poeta e romancista. E-mail: g.diangellis@hotmail.com.

## 1 Introdução

Na primeira parte do estudo, o artista (em sentido amplo) e a sua relação com o mundo são concebidos com base em visão psicanalítica. A arte cumpre dupla função mediadora, artista e neurótico se reencontram em sua função profética. Filhos bastardos do seu tempo, espiões. A poesia é entendida neste estudo como construtora de realidades, pois amplia o real. Ela exhibe uma verdade contida e revelada na e pela palavra, manifestação legítima do pensamento e do *profundo*.

Em um segundo momento, amparado pela análise que o filósofo alemão Peter Sloterdijk faz do espírito de época da República de Weimar período que vai do término da primeira guerra mundial, em 1918, à ascensão de Hitler, em 1932 em seu livro *Crítica da Razão Cínica*, o artigo trabalha as ideias de cinismo e de dor no mundo na obra literária de Fernando Pessoa, como Álvares de Campos e Bernardo Soares. É o nascedouro do cinismo moderno, reação defensiva e dolorosa à industrialização voraz, à modificação abrupta do modo de vida, à mistificação das massas à promissória sobre o prazer, à adequação do homem ao ritmo da máquina. O filósofo flagra a fluidez do mundo, a sua dor, seu mal-estar; deles, o poeta se espanta. Entram em discussão os conceitos de *abertura* e *ser-com*, de Heidegger, e dialogismo, de Bakhtin.

Por fim, o estudo discute os horizontes de uma ciência poética. É possível descartar a sensibilidade do poeta e da poética na compreensão do mundo? O método filosófico socrático/platônico de alcance da verdade pela razão se transformou, ao longo dos séculos, em racionalismo e disciplinaridade, sobretudo nos ambientes acadêmicos. Nietzsche e Heidegger retomam a discussão do papel da arte e da poesia como possibilitadoras de acesso à verdade e ao conhecimento, criando novas questões para pesquisadores e artistas.

## 2 O artista, filho bastardo do tempo

Os poetas, que não sabem o que dizem, como é bem sabido, sempre dizem, no entanto, as coisas antes dos outros (LACAN, 1995, p. 12).

Ezra Pound dizia que o artista consiste na antena da raça. Essa interpretação ressignifica o pensamento mítico-imaginativo clássico da poesia: o poeta a poesia entendida neste estudo não só como meio de expressão, mas também como pensamento da essência, do profundo

, continua *médium*, mas não da relação entre o físico e o metafísico, entre o humano e o divino. Ele media a relação entre o inconsciente e o consciente; constitui antena, aquele que traduz ou retraduz estado de espírito que consiste em *zeitgeist*, mas, para os que não possuem tal sensibilidade, não passa de estado latente, algo mais próximo do urro, do grunhido, do mal-estar, que da sublimação.

Talvez se tenha aí a resposta para o reconhecimento quase sempre tardio de obra de arte genuína. A maturação não é do poeta, mas do público, que, apenas, passada a neblina, consegue enxergar com um pouco mais de clareza o que habitava entre as brumas.

É o inconsciente tornado consciente, seja pela sublimação da angústia ou pela manifestação mais selvagem dela. O psicanalista americano Rollo May reforça, nessa perspectiva, a importância que os problemas de uma época têm para a compreensão dela. Há neles, sustenta May, a característica particular de predizer o futuro.

Os problemas de um período são as crises existenciais do que poderia, mas não foi resolvido; e independente da nossa maneira de encarar a palavra “resolvido”, se não houvesse novas possibilidades, não haveria crises – somente desespero. Os enigmas psicológicos expressam nossos desejos inconscientes. Surgem problemas quando achamos o mundo inadequado para nós, ou nós para ele (MAY, 1973, p. 34).

Em *Amor e vontade: Eros e repressão*, May explica que a relação entre o artista e o neurótico é perfeitamente compreensível, pois ambos falam e vivem das profundezas. Arte e neurose possuem função profética: o artista e o neurótico tornam consciente para as pessoas as pressões e amarguras de sua época que ainda são latentes para os outros. O que separa o artista do louco, o gênio do pária, é justamente a capacidade de conversão dessa angústia. Em certo sentido, o poeta será sempre pária, mas um pária que soube ressignificar a sua dor no mundo, sublimá-la.

Se a arte é comunicação jorrando de planos inconscientes, ela nos apresenta uma imagem do homem que no momento só se encontra presente naqueles membros da sociedade que, em virtude de uma extrema sensibilidade, vivem nos limites dessa sociedade (MAY, 1973, p. 33).

O poeta não é um homem à frente do seu tempo. Ele está irremediavelmente inserido nele. Filho bastardo dele, por não ser aceito, por não ser compreendido; espião, por se infiltrar incólume nas relações sociais e dela extrair a matéria-prima para sua obra.

Bakhtin (2010) fala de dialogismo, a incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado, maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso. O dialogismo vai além das formas composicionais, ele é o modo de funcionamento real da linguagem, ele é o próprio modo de constituição do enunciado.

Heidegger (2011; 1981) fala de ser-com, constituinte existencial do ser-no-mundo. Para ele, todas as coisas existentes dentro-do-mundo relacionam-se em maior ou menor escala umas com as outras. O ser-com as coisas, os outros e o mundo implica cuidado que revela tanto uma abertura para com o ser quanto uma capacidade de ampliar a conexão com as coisas, os outros e o mundo.

Estamos falando na verdade da capacidade de abertura e conexão (e, neste sentido, de profundidade) que o ser-com é capaz de nos proporcionar com relação à existência. Quanto mais nossa capacidade de nos conectar aos “entes-envolventes” se amplia, quanto mais nossa capacidade de a eles nos abrimos e deles cuidarmos, tanto mais estaremos abertos à própria existência (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 51).

A poesia, portanto, ao construir realidades, amplia o real. Assim como a ciência ou a filosofia, ela também é produtora de verdade, também é capaz de provocar rompimentos e inovações na ordem social. Por meio de seu exercício, ela exhibe uma verdade contida e revelada na e pela palavra, a ser utilizada pela ciência não como acessório, mas como manifestação legítima do pensamento e do profundo.

### 3 O cinismo e a dor do mundo em Pessoa e Sloterdijk

A história conhece épocas especialmente dispostas ao cinismo (SLOTERDIJK, 2011, p. 481).

O filósofo flagra a fluidez do mundo, a sua dor, seu mal-estar; deles, o poeta se espanta. A imagem que Sloterdijk (2011) põe a nu da República de Weimar, período que vai do término da primeira guerra mundial, em 1918, à ascensão de Hitler, em 1932, possui relação intrínseca com as poesias de Pessoa, especialmente sob Bernardo Soares e Álvaro de Campos. Ambos discorrem – mas só Pessoa vive – do mesmo período, do modo de ser desse período. Se em *Crítica da Razão Cínica* Sloterdijk fala desse momento conturbado sob a perspectiva de um filósofo historiador, Pessoa o vive em toda a sua essência, na condição de poeta. “Tabacaria” data de 1926, “Bicarbona-

to de Sódio” e “Poema em Linha Reta” são de 1930.

Fazia parte do espírito da época de Weimar, diz Sloterdijk (2011, p. 578), dizer sim com estranha ironia e dureza cínica aos males enquanto realidades válidas e inevitáveis. Observa-se aí tendências defensivas: blindagem do eu contra o seu sofrimento, não ao que seria a verdade subjetiva, não à ferida anterior, à fraqueza e à indignação.

Na atitude neocínica (Sloterdijk faz distinção entre o cinismo de Diógenes, contestador, provocativo, do cinismo corrente, manifesto enquanto *falsa consciência esclarecida*) consumam-se os processos de aprendizagem históricos da amargura. O cinismo aparece enquanto estratégia e como combate. Estratégia para o quê? Combate ao quê? A resposta está na e para a autoconservação. Cinismo como reação à dor no mundo e à sensação de mal-estar provocadas pela industrialização voraz e a modificação abrupta do modo de vida, à mistificação das massas promovida pelos meios de comunicação, à constante promissória sobre o prazer, à adequação do homem ao ritmo da máquina.

Em face das catástrofes mundiais passadas e das que ainda nos ameaçam, a vitalidade atual, frustrada pela história, sobrevive em crença descrente. Sloterdijk (2011, p. 578) expõe os herdeiros do iluminismo em seu caminhar nervoso, cético e desencantado em direção ao cinismo global. A coragem-razão se deteriora gradativamente, as alusões aos ideais de uma civilização humana só parecem suportáveis sob a forma da irrisão e do desmentido. O cinismo, como *falsa consciência esclarecida*, tornou-se prudência endurecida-obscura que se separou da coragem, considera toda a positividade *a priori* como engano e visa apenas safar-se de qualquer maneira. A consciência cínica faz a soma das ‘más experiências’ de todos os tempos e admite apenas ainda a uniformidade sem esperança das duras realidades. O cinismo moderno, ao contrário do cinismo de Diógenes, constitui o emaranhado em que se imbricam os ‘desvios astuciosos’ empregados por sagesa imoral (Ibidem, p. 578).

O povo nunca é humanitário. O que há de mais fundamental na criatura do povo é a atenção estreita aos seus interesses, e a exclusão cuidadosa, praticada tanto quanto possível, dos interesses alheios.

[...] Existir é renegar. Que sou hoje, vivendo hoje, senão a renegação do que fui ontem, de quem fui ontem? Existir é desmentir-se. Não há nada mais simbólico da vida do que aquelas notícias dos jornais que desmentem hoje o que o próprio jornal disse ontem.

Querer é não poder. Quem pôde, quis antes de poder só depois de poder. Quem quer nunca há de poder, porque se perde em querer. Creio que estes princípios são fundamentais (PESSOA, 1999, p. 352).

É o nascedouro da época da tática, da estratégia, da propaganda, do reclame, da dissimulação. A mentalidade cubista como estado geral de espírito, quase necessidade: pois ao mesmo tempo em que essa dissimulação cria um imenso mal-estar, agir de outra forma consiste em exercício de idiotia. Num mundo de grandes inquisidores, é possível sobreviver como Jesus Cristo?

Nada me prende a nada.

Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.

Anseio com uma angústia de fome de carne

O que não sei que seja –

Definidamente pelo indefinido...

Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto

De quem dorme irrequieto, metade a sonhar (PESSOA, 1986, p. 293).

Sloterdijk (2011, p. 481) fala de cinismo em que não há flores do mal, nem grandes olhares frios ou fogos-de-artifício à beira do abismo. Em troca, democracia burocrática, falta de dinamismo, mediocridade sem limites, administração abusiva, tagarelar deplorável em torno da responsabilidade, pessimismo miserável e, como válvula de escape de tudo isso, ironias insípidas. É uma mentalidade que nem sequer é decadente, que não pode ser decadente porque não a precedeu alguma elevação da qual tivesse caído, o que nos dias de hoje é cínico, atesta Sloterdijk, sentimos desfilar diante de nós há muito tempo (SLOTERDIJK, 2011, p. 482).

O que há em mim é sobretudo cansaço

Não disto nem daquilo,

Nem sequer de tudo ou de nada:

Cansaço assim mesmo, ele mesmo,

Cansaço.

A subtileza das sensações inúteis,

As paixões violentas por coisa nenhuma,

Os amores intensos por o suposto alguém.

Essas coisas todas -

Essas e o que faz falta nelas eternamente -;

Tudo isso faz um cansaço,

Este cansaço,

Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,

Há sem dúvida quem deseje o impossível,

Há sem dúvida quem não queira nada -

Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:

Porque eu amo infinitamente o finito,

Porque eu desejo impossivelmente o possível,

Porque eu quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,

Ou até se não puder ser...

E o resultado?

Para eles a vida vivida ou sonhada,

Para eles o sonho sonhado ou vivido,

Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...

Para mim só um grande, um profundo,

E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,

Um supremíssimo cansaço.

Íssimo, íssimo. íssimo,

Cansaço... (PESSOA, 1986, p. 327)

Em *Crítica à razão cínica*, Sloterdijk (2011) mostra como a adaptação se torna o mandamento psicopolítico do momento. É nos e dos *media* que melhor se pode apreender isso, pois fornecem à consciência dose cotidiana de multiplicidade acinzentada, de uniformidade variada e de absurdo normal (SLOTERDIJK, 2011, p. 626). O ego e o mundo entram num duplo estado de liquefação. Os meios de comunicação de massa modernos velam por um novo condicionamento artificial das consciências no espaço social. Quem se encontra integrado nesses fluxos aprende que a sua 'imagem de mundo' é cada vez mais, e cada vez mais exclusivamente, imagem mediatizada, vendida, comprada, em segunda mão. Uma abundância de notícias inunda a consciência telefocada com material do mundo sob a forma de partículas de informação; ao mesmo tempo, os *mass media* dissolvem o mundo em paisagens fluorescentes de informações que cintilam na tela da consciência do eu. Os *media* possuem de fato a força de reorganizarem ontologicamente a realidade como realidade na nossa cabeça. Isso exige que tudo comece de forma perfeitamente inofensiva. As cidades, com suas ruas sobrepovoadas, invadidas de anúncios e de mantras com ofertas atraentes, gradativamente se tornam não mais do que *mass media* construídos, compostos por redes de circulação e sinais que dirigem os fluxos humanos (SLOTERDIJK, 2011, p. 626).

Não tenho uma ideia de mim próprio; nem aquela que consiste em uma falta de ideia de mim próprio. Sou um nómada da consciência

de mim. Tresmalharam-se à primeira guarda os rebanhos da minha riqueza íntima.

A única tragédia é não podermos conceber trágicos. Vi sempre nitidamente a minha coexistência com o mundo. Nunca senti nitidamente a minha falta de coexistir com ele; por isso nunca fui um normal.

Agir é repousar.

Todos os problemas são insolúveis. A essência de haver um problema é não haver uma solução. Procurar um facto significa não haver um facto. Pensar é não saber existir (PESSOA, 1999, p. 134).

A crítica da razão cínica mostra sujeitos endurecidos em lutas existenciais e sociais. Eles viraram as costas ao geral e não hesitaram em renegar os ideais das civilizações desenvolvidas quando estava em jogo a autoconservação (SLOTERDIJK, 2011, p. 663). O neocinismo nasce como reação à dor no mundo, à sensação de mal-estar provocadas pela industrialização voraz e a modificação abrupta do modo de vida, à mistificação pelos *media*, à constante promissória sobre o prazer, à adequação do homem ao ritmo da máquina. O período entre guerras como o nascedouro de uma nova razão, mentalidade que encara ressentida o iluminismo. Como pensar naqueles ideais frente ao horror do *front* de batalha e suas estratégias e dissimulações? O que resta senão o cansaço, esse *supremíssimo* cansaço?

Não, não é cansaço...

É uma quantidade de desilusão

Que se me entranha na espécie de pensar,

E um domingo às avessas

Do sentimento,

Um feriado passado no abismo...

Não, cansaço não é...

É eu estar existindo

E também o mundo,

Com tudo aquilo que contém,

Como tudo aquilo que nele se desdobra

E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.

Não. Cansaço por quê?

É uma sensação abstrata

Da vida concreta —

Qualquer coisa como um grito

Por dar,

Qualquer coisa como uma angústia

Por sofrer,

Ou por sofrer completamente,

Ou por sofrer como...

Sim, ou por sofrer como...

Isso mesmo, como...

Como quê?...

Se soubesse, não haveria em mim este falso cansaço.

(Ai, cegos que cantam na rua,

Que formidável realejo

Que é a guitarra de um, e a viola do outro, e a voz dela!)

Porque oiço, vejo.

Confesso: é cansaço!... (PESSOA, 1986, p. 343)

#### 4 Horizontes de uma ciência poética

Sem uma forma revolucionária, não há arte revolucionária. Maiakóvski (apud BRITO, 1972, p. 134).

É possível descartar a sensibilidade do poeta e da poética na compreensão do mundo? Sem forma revolucionária, haverá ciência revolucionária?

Para Heidegger (LÉVINAS, 2010, p. 25), a compreensão repousa, em última instância, sobre a abertura do ser. Se Berkeley (2010) percebe nela referência ao pensamento por causa dos conteúdos qualitativos dele, Heidegger (2010) o percebe no fato que o ente constitui em sua obra de ser na sua própria independência a sua inteligibilidade. A inteligência do ente consiste, portanto, em ir além do ente no *aberto* e em percebê-lo no *horizonte do ser*. Em Heidegger, compreender o ser particular já é colocar-se além do particular — compreender consiste em relacionar-se ao particular, único a existir, pelo conhecimento que é conhecimento do universal (HEIDEGGER, 1981, p. 44).

O conhecer-se (*sichkennen*) está fundado no ser-com que é compreendido primordialmente; ele atua, de imediato, em acordo com o modo de ser que nos é próximo — o ser-no-mundo como ser-com. Ele atua através de um saber-com, cujo ser-aí, junto com os outros, se depara em seu circumdano cuidar de e referir-se a um saber no qual o ser-aí compreende. O cuidar solícito é compreendido na medida daquilo que estamos cuidando-com, e juntamente com nossa compreensão dele. Assim, o outro é, de imediato, desvelado na solícitude cuidadosa (HEIDEGGER, 1981, p. 44).

Tanto a relação com o aberto quanto a compreensão do universal, tomando-se por base o particular, são



elementos intrínsecos à poesia. Para René Char (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 20), o poeta constitui aquele que sabe um pouco mais porque sente as coisas, aprende a percebê-las no lugar mais profundo e a deixar-se marcar por elas. Para escrever, é necessária disponibilidade ao mundo, uma escuta que faz com que o poeta se torne o receptáculo de sua própria palavra (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 20).

Pensar a poesia, portanto, consiste em pensar a própria vida. O que se vê na obra de Fernando Pessoa, tanto sob o pseudônimo de Bernardo Soares como sob Álvaro de Campos, constitui a manifestação sublime (e sublimada) do seu tempo. É particular porque é ele quem sente, mas universal porque é indissociável do estado de espírito da sua (e da nossa) época, como mostrado.

Sendo assim, reiteramos: a poesia não é apenas linguagem criativa que atende à necessidade de expressão do ser humano, ela é criadora de realidades. O real é manifestação física, mas é também latência, é dado visível mas é também dado invisível, é universo conhecido mas é também mistério, é relação lógica entre as coisas, mas é também paradoxo inexplicável, o desconhecido, a infinitude (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 45).

No estudo *Comunicação e Poesia: Itinerários do aberto e da transparência*, de Castro e Dravet (2008), em que é discutida a relação entre a poesia e comunicação, eles afirmam que o método filosófico socrático/platônico de alcance da verdade pela razão se transformou, ao longo dos séculos, em racionalismo e disciplinaridade, sobretudo nos ambientes acadêmicos. Só com Nietzsche e, posteriormente, Heidegger, que a lógica racionalista presente nessa proposta socrático/platônica foi colocada em xeque, retomando, assim, a discussão do papel da arte e da poesia como possibilitadoras de acesso à verdade e ao conhecimento (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 8).

O padrão técnico-científico valoriza a disjunção que separa a poesia dos demais conhecimentos. Esse padrão vigora ainda hoje em muitos ambientes científicos, de modo que falar do “poético”, do “estético” e da poesia de forma geral, ainda é visto como um discurso da ordem do devaneio e do onírico. Nesse caso, o padrão de interação entre comunicação e poesia é baixo em relação ao padrão anterior. Enquanto lá detectamos um modelo de comunicação aberto (mídia aberta), aqui o modelo é fechado, já que a poesia está restrita à fala do poeta).

É sob essa perspectiva que se coloca o desafio do pesquisador e do artista. Para Char (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 20), a poesia, depois do estado eufórico da criação, consiste em trabalho de precisão. Da mesma forma,

porém sobre outra perspectiva, a questão técnica e a busca criativa devem ser parte integrante do trabalho do pesquisador. Para ele, não basta apenas ser demonstrador, da mesma forma que também não se pode eliminar as inspirações e sentimentos que permeiam a pesquisa. Castro e Dravet enaltecem o trabalho da Filósofa María Zambrano, que articula arte e conhecimento, valorizando a poesia como centro catalisador e irradiador do pensamento, da estética e da vida. A razão-poesia é, por isso, simultaneamente, interpretativa e criativa, analítica e sistêmica, descritiva (demonstrativa) e imaginativa. É sob esse mesmo enfoque que Alain Badiou chama Fernando Pessoa de pensador-poeta (BADIOU, 2002).

Segundo Heidegger (1998, p. 64), somente a poesia é criadora de verdade, na medida em que somente ela é capaz de criar na linguagem, ultrapassando os limites do conhecido, do representado, ou de efetuar uma “clareira” no Aberto. O Aberto constitui aquilo que não restringe, não impede, não tem limite; a grande totalidade de tudo o que não está restringido. A noção de *Aberto* é ambígua porque tanto significa “a totalidade dos nexos ilimitados da conexão pura”, como também a abertura “no sentido da ilimitação em que tudo vigora”. O Aberto constitui também o círculo mais vasto, aquilo que circunscreve tudo o que é; a circunscrição que circun-une todo ente. Ao efetuar uma clareira no Aberto, o poeta traz a verdade que se encontrava oculta.

Não é só a ciência ou a filosofia que são produtoras de verdade, portanto. A poesia também o é, e assim sendo, como pode o pesquisador afastar da sua pesquisa os componentes que constituem a poesia? Em *A origem da obra de arte*, Heidegger (1998, p. 64) afirma que a ciência consiste no “desenvolvimento de um âmbito de verdade já aberto”, que ela só desenvolve “aquilo que se prognostica como correto, quer possível, quer necessário” e que “se e na medida em que uma ciência vai para além do correto em direção a uma verdade” passa a ser filosofia. A poesia é então aquela capaz de efetuar a abertura necessária à inovação no pensamento. Por isso, é ela que permite mostrar aos homens uma verdade contida e revelada na palavra, por meio do exercício do pensamento. O pensador a oferece então à ciência para ser estudada em seus desdobramentos. Poesia consiste em pensamento e esse deve confrontar-se poeticamente à poesia e a seus três poderes: poetizar, pensar, dizer (CASTRO; DRAVET, 2008, p. 44).

Novamente se faz a questão: sem forma revolucionária, pode-se fazer ciência revolucionária?

## Referências

- BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRITO, Mário da Silva. *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Coleção Ensaio, 1972.
- CASTRO, Gustavo de; DRAVET, Florence. *Comunicação e poesia: itinerários do aberto e da transparência*. Prelo, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. Para quê poetas? In: *Caminhos de floresta*. Lisboa: Calouste-Gulbelkian, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *Todos nós...ninguém*. São Paulo: Moraes, 1981.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MAY, Rollo. *Amor e vontade: Eros e repressão*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Lisboa: Relógio D'Água, 2011.